

Ponto sem nó: relato de experiência na produção de uma série de *podcast* sobre expressões populares e a naturalização de discursos machistas¹

Heloisa da Silva Evangelista DUIM²

Daniela Cristiane OTA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS

Resumo

O *podcast* “Ponto sem nó” constitui uma série sobre expressões populares e a naturalização de discursos machistas, desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Por meio de contextualizações de especialistas em gênero e depoimentos de mulheres que já passaram - e seguem passando - pelos contextos abordados, o produto é dividido em quatro episódios classificados por temas. O objetivo deste artigo é relatar minha experiência no desenvolvimento do projeto, apresentando a importância da comunicação como ferramenta de construção social e disseminação de informações, destacando ainda os impactos do uso de expressões populares e ideias enraizadas de uma sociedade que se mantém inconsciente dos nós que precisam ser desatados.

Palavras-chave: expressões populares; gênero; interseccionalidade; *podcast*; relato de experiência.

INTRODUÇÃO

Assim como os costumes, as crenças e os valores, a linguagem também faz parte dos elementos que formam a cultura de um povo, moldando sua identidade e as formas de interação. Assegurado principalmente pela frequência, recorrência e uso na língua falada de um povo, o uso de frases populares como gírias, expressões e provérbios refere-se também aos contextos históricos e culturais de um grupo (Urbano, 2008).

Entre as categorias de frases populares exemplificadas por Urbano (2008), os provérbios são definidos como “fraseologias difundidas de geração a geração, através da linguagem oral, em tempos e lugares diversificados” (Silva, 2016, p. 155). De acordo com Silva (2016), eles também representam valores e pensamentos da comunidade, e, de certa forma, padronizam-se semanticamente. Também conhecidos como ‘ditos’ ou

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso “Ponto sem nó: Série de *podcast* sobre expressões populares e a naturalização de discursos machistas”, e-mail: heloisa.duim@ufms.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: daniela.ota@ufms.br.

‘ditados’, tais expressões se caracterizam por se manterem repetidas ao longo dos anos, independente de origem ou veracidade, principalmente através da linguagem oral.

Historicamente associados à tradição, cultura e sabedoria, os ditados são conhecidos por expressar noções sobre acontecimentos por meio de frases prontas advindas de senso comum. De uso cotidiano e comumente desprovidos de análises e julgamentos, de acordo com Obelkevich (1997) *apud* Amaral; Oliveira (2017), os provérbios são responsáveis por exercer funções determinantes nas interações sociais.

Nesse contexto, a proposta partiu da seguinte pergunta: há uma perpetuação de estereótipos fomentada a partir da disseminação de expressões machistas que perpassam gerações? Assim, tendo em vista o caráter tradicional e cíclico do discurso espalhado de maneira estrutural e impensada, o objetivo foi desenvolver uma série de *podcast* que desestabilize tal disseminação e, ainda, cumpra o papel social do jornalismo, incitando reflexão e interpretação a respeito do assunto.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A série de *podcast* “Ponto sem nó” surgiu da necessidade de questionar o uso cotidiano de expressões populares que, por meio de uma linguagem historicamente legitimada, perpetuam estereótipos machistas e reafirmam desigualdades de gênero. Com quatro episódios, o produto tem caráter narrativo e foi construído a partir da escuta de personagens e especialistas, apresentando dos impactos simbólicos às violências estruturais promovidas por ideias cristalizadas no senso comum.

A execução iniciou-se em 2024, com a produção do pré-projeto. Em fevereiro de 2025, ocorreu a revisão do documento inicial e a definição das temáticas de cada episódio. A divisão adotada incluiu os seguintes títulos: “Como dizia a minha avó”; “Mais mulher que muito homem”; “Segura em nenhum aspecto”; e “Bela, recatada e do lar”. A estrutura dos roteiros foi adaptada para favorecer a construção narrativa, com *off* de locução intercalado com as falas das fontes.

As entrevistas foram realizadas entre março e maio de 2025 e as fontes foram selecionadas por sua vivência ou especialização nos temas. A captação foi feita pelo celular em diferentes ambientes, o que gerou desafios como ruídos e interferências

sonoras. Ainda assim, priorizou-se uma edição mais limpa, com o uso de trilhas de forma pontual para manter a espontaneidade das falas e a proximidade com as fontes.

Entre os especialistas, busquei por áreas distintas, ainda com foco em gênero: linguística (Thyago Cruz e Fabiana Biondo), história (Dilza Gonçalves), psicologia (Zaira Lopes) e direito (Clarissa Torres). Além disso, o projeto incluiu seis fontes personagens que aceitaram compartilhar experiências próprias sobre o impacto direto e indireto que os discursos preconceituosos causaram em suas trajetórias.

A identidade visual do projeto foi construída de forma a refletir os nós e as fissuras nos discursos sociais. Já na edição do produto em áudio, a linguagem sonora foi pautada pela valorização das vozes, com uso moderado de trilhas e efeitos. O tempo final dos episódios ficou entre 20 e 30 minutos, mantendo coesão e densidade narrativa.

A proposta atingiu plenamente os objetivos propostos. O *podcast* se mostrou um meio eficaz para discutir linguagem, cultura e gênero, por meio de um formato acessível, dinâmico e imersivo. “Ponto sem nó” reforça o papel do jornalismo como promotor do debate público e contribui para a desconstrução de falas que, mesmo maquiadas de sabedoria popular, sustentam uma lógica de exclusão e violência.

Linguagem como parte da cultura

A linguagem como ferramenta de comunicação consolida-se como elemento cultural ao se considerar que “cultura é o produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem” (Vygotsky, 2021, p. 201). Assim, as interações não só influenciam o contexto no qual o indivíduo está inserido, mas são moldadas por ele.

Apesar de representarem parte da cultura de um povo, as expressões populares comumente possuem origem desconhecida e composição variada, além de disseminação oral. De caráter memorável e fácil utilização, os provérbios incluem um dos diversos componentes da linguagem, ensinados desde a infância. Segundo Vellasco (2000, p. 127), tais expressões são “frutos da experiência do povo; são afirmações concisas e impessoais de verdades gerais. [...] Partem do senso comum, da fidedignidade a um contexto de vida específico, da simplicidade”. Associados a crenças e valores, os provérbios representam ideias coletivas, universais e cristalizadas na linguagem.

De todo modo, as fraseologias associadas à cultura – sejam elas gírias, ditados, slogans ou provérbios – são definidos por Urbano (2008) como ‘farinha do mesmo saco’, devido à utilização popular. Além disso, a linguagem como ferramenta de interação vai muito além dos conceitos gramaticais associados às expressões utilizadas no cotidiano. Ela reflete padrões e determina contextos, contribuindo também para a perpetuação de preconceitos e, principalmente, para a construção de realidades.

Assim, os discursos presentes nas narrativas proverbiais baseiam-se em contextos sócio-culturalmente determinados e geram impactos na realidade da população, mantendo os ideais, preconceituosos ou não, inabaláveis. Os discursos machistas, que visam favorecer o homem, por exemplo, não apenas é perpetuado em diferentes contextos sociais ao longo dos anos, mas contribui para que o preconceito, a violência e uma suposta ‘superioridade’ permaneçam naturalizados.

Discursos machistas: disseminação em forma de expressões

A transmissão cultural de discursos machistas por meio de ditos é exposta por Cruz (2012), que analisa a visão da mulher a partir de provérbios de língua espanhola. De acordo com as pesquisas, o sexo feminino é um tema amplamente explorado em diferentes culturas e nacionalidades, visto que Fernández (1990 *apud* Cruz, 2012) registrou mais de 10.000 provérbios que remetem a figura feminina, enquanto Ferrero (2004) catalogou 2.354 expressões de mesmo tema presentes na língua portuguesa.

Segundo Cruz (2012, p. 16), “não é de difícil percepção certa tendência, nessas unidades fraseológicas, ao machismo, ou dito de outra maneira, ao desprezo e à ‘inferiorização’ em relação à mulher, atribuindo-lhe uma carga de dependência e ligação extrema a um homem”. Além disso, ainda é apresentada a ideia a respeito dos impactos causados pela associação de linguagem, pensamento e cultura nas relações sociais.

Historicamente, as interações sociais e a reafirmação das mulheres como seres subversivos, inferiores, restringidos e objetificados ao longo do tempo, assim como a cristalização do contexto em diferentes locais independente de períodos, costumes, crenças ou religiões, fomentaram a legitimação de uma cultura machista.

A posição de poder culturalmente centralizada na figura masculina – que favorece o homem enquanto prejudica a mulher – é tradicionalmente cristalizada pela transmissão de uma narrativa preconceituosa. Assim, observando a relação entre linguagem, pensamento e cultura nas relações sociais de um povo apresentada por Cruz (2012), depreende-se o impacto mútuo: quanto mais aquela ideia é transmitida ao longo dos anos, mais ela se perpetua em comportamento e quanto mais legitimado o comportamento, maior a probabilidade do discurso manter-se em circulação.

“Partindo do pensamento que a linguagem é o principal meio de comunicação do homem e que ela permite pensar e agir, ou seja, sem ela não há pensamento, não existe vínculo social, a linguagem passa então a ser um poder” (Amaral; Oliveira, 2017, p. 118). A linguagem como ferramenta de poder desempenha um papel de exclusão social que gera a naturalização de “piadinhas” como abordagem do masculino ao feminino. A disseminação de uma narrativa marcada pela misoginia atua como forma de controle a fim de impor papéis distintos a cada gênero.

Interseccionalidade nos estudos de gênero

Quando se trata de estudos de gênero, o termo ‘interseccionalidade’, conceituado pela estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989, analisa a prática de mais de uma forma de opressão simultânea – na época, a interdependência entre raça, gênero e classe (Hirata, 2014). Ainda, de acordo com Kyrillos (2020), o conceito pode ser associado a uma “lente” que compreende os processos discriminatórios a partir do cruzamento de opressões que busca entender as condições geradas por ele.

Ao tratar a interdependência entre raça, gênero e classe, destaca-se ainda que essas categorias não operam isoladamente, mas estão imbricadas na construção das desigualdades. Hirata (2014) afirma que a interseccionalidade vai além da mera coexistência de fatores, uma vez que suas interações reproduzem opressões de maneira dinâmica. Segundo a autora, “a interseccionalidade refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social” (Hirata, 2014, p. 62), pois considera que é tal interação que sustenta a reprodução das desigualdades.

Apesar da interseccionalidade ter se fundamentado, inicialmente, a partir da relação entre as três categorias citadas, Hirata (2014) apresenta a conceituação de diferentes teóricos que também variam quanto aos contextos considerados.

Se para Danièle Kergoat existem três relações sociais fundamentais que se imbricam, e são transversais, o gênero, a classe e a raça, para outros [...] a intersecção é de geometria variável, podendo incluir, além das relações sociais de gênero, de classe e de raça, outras relações sociais, como a de sexualidade, de idade, de religião etc. (Hirata, 2014, p. 66)

Observa-se, assim, que a interseccionalidade é projetada muito além de categorias limitadas à gênero, raça e classe. Diversos marcadores sociais como idade, sexualidade, religião, naturalidade ou qualquer outro elemento que fuja dos padrões impostos socialmente atuam de maneira combinada e relacional.

Podcast

O jornalismo radiofônico, segundo Meditsch (1997) foi precursor na democratização da comunicação às classes mais vulneráveis no século XX, permitindo que, por meio da oralidade, analfabetos pudessem ter acesso às informações. O rádio, que inicialmente associava-se apenas às pessoas sem instrução primária, em 1997, de acordo com o autor, já era preferência entre os setores mais letrados da sociedade.

Passado por diversas modificações, o radiojornalismo hoje conta com formatos distintos, com uma variedade de temas capaz de chegar a todos e agradar os mais diferentes grupos. Do radiojornal clássico à novidade do *podcast*, o jornalismo de áudio se consolidou como meio de comunicação e permanece destaque graças à oralidade.

De acordo com Falcão e Temer (2019), o *podcast*, definido inicialmente como ‘*ipodder*’, foi uma mídia pensada para facilitar a vida dos ouvintes que consumiam conteúdos em áudio. As autoras explicam que “embora já fosse comum ouvir e baixar arquivos de áudio na internet, quando surgiu o *podcast*, em 2004, ainda era preciso acessar blogs e endereços específicos para ter acesso a esse conteúdo, procurando manualmente por atualizações”. Assim, tais plataformas surgiram como ferramenta para que o usuário tivesse acesso simplificado ao formato sonoro, semelhante aos dias atuais.

No que tange às diferenças entre os formatos sonoros, existe a variação no processo de produção de conteúdos, que no rádio ocorre ao vivo enquanto no outro é gravado e editado. Ainda, a produção e consumo sob demanda somados a independência de uma programação linear permitem que os *podcasts* apresentem conteúdos atemporais e de duração variada, e, oposto ao rádio que visa uma transmissão em massa, o formato atinge diferentes nichos e interesses.

Outra característica atribuída a esse formato é a capacidade imersiva, que segundo Viana (2020) está presente no impresso e no audiovisual, mas destaca-se nos *podcasts* narrativos considerando principalmente a contação de histórias com o foco no personagem e na aproximação do ouvinte.

Assim, tratando-se de *podcasts* em contexto jornalístico, existem estratégias imersivas que, de acordo com Triviños (1987, p. 10 *apud* Viana, 2020), fundamentam uma estrutura narrativa. Fatores como: humanização do relato; apresentação do jornalista em primeira pessoa direcionada ao ouvinte; condução emocional por meio de silêncio, música e efeitos sonoros; uso de sonoras; ambientação e autorrepresentação do processo de produção do *podcast* estão entre os principais métodos que intensificam a experiência imersiva e, conseqüentemente, a identificação do ouvinte.

RESULTADOS

A produção do *podcast* “Ponto sem nó” resultou em quatro episódios temáticos, com duração entre 19 e 30 minutos: “Como dizia a minha avó”, que trata da linguagem como parte da cultura; “Mais mulher que muito homem”, sobre a ideia de fragilidade feminina; “Segura em nenhum aspecto”, centrado na objetificação da mulher; e “Bela, recatada e do lar”, que discute a imposição de lugares e comportamentos.

Os episódios incluem uma fonte especialista e duas fontes personagens, com exceção de “Como dizia a minha avó” – que é composto por duas fontes especialistas e um ‘fala povo’. Ainda, todos possuem *offs* em formato narrativo, que garantem a contextualização e proximidade necessária ao público. De todo modo, a escuta de especialistas e personagens promoveu uma conexão entre teoria e prática, revelando que discursos machistas atravessam gerações e se manifestam de maneira cotidiana.

Além disso, a identidade visual também desenvolveu-se a partir das discussões abordadas em cada temática. A nomeação dos episódios foi realizada a partir de frases citadas pelas fontes, que consequentemente inspiraram suas capas. Assim, a combinação de elementos gráficos como cor, tipografia e elementos visuais – especialmente às estátuas, comum em todos e referente também ao ‘cristalizado’ das expressões – consolidou de maneira estética todas as temáticas tratadas ao longo da série.



CONCLUSÃO

Ao propor uma reflexão crítica sobre expressões populares machistas, a série de *podcast* “Ponto sem nó” reafirma o papel do jornalismo como ferramenta de transformação social e evidencia a linguagem como instrumento de poder e perpetuação de desigualdades. A abordagem interseccional mostrou-se essencial para representar as múltiplas realidades vividas pelas mulheres.

A escolha pelo formato narrativo e pelo *podcast* como suporte técnico permitiu que a discussão se tornasse mais acessível e envolvente. A escuta ativa, o trabalho de seleção das falas e a conexão entre teoria e vivência demonstraram o potencial do jornalismo sonoro como instrumento de denúncia, educação e mudança.

O projeto não apenas atingiu seus objetivos iniciais de lutar contra a ciclicidade dos discursos machistas expondo-os a partir de expressões populares e seus impactos, mas também reconheceu as diferenças promovidas pela interseccionalidade e a importância de considerar as individualidades de cada mulher.

Com isso, conclui-se que o enfrentamento aos discursos machistas deve se dar pelo campo da linguagem e do jornalismo. Se além de fomentar desigualdades, a linguagem também pode ser usada como ferramenta de desconstrução de preconceitos, tal instrumento ganha ainda mais força quando aliada à comunicação. Desatar os nós simbólicos presentes nas palavras é um passo necessário para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Jéssica Braz; OLIVEIRA, Cristina Maria. O Discurso Proverbial e o preconceito contra a Mulher. **EnsiQlopédia: Revista Científica do Curso de Letras da Faculdade Cenecista de Osório**, v. 14, n. 1, p. 107-122, out. 2017. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/ensiq/article/view/198>.

CRUZ, Thyago José da. **Os provérbios, a categoria mulher e o protótipo: um estudo sobre fraseologia, categorização e imagem cognitiva**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O *podcast* como gênero jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém, PA. **Anais [...]**. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?format=pdf&lang=pt>.

KYRILLOS, Gabriela M. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/zbRMRDkHJtkTsRzPzWTH4Zj/?format=pdf&lang=pt>.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 20., Santos, SP. **Anais [...]**. 1997. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/0a925f2d452bf76772026802390d5ff6.pdf>.

SILVA, Francisca Andréa Ribeiro. Provérbios: fraseologias sob a ótica de gênero. **Grau Zero: Revista de Crítica Cultural**, Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, Bahia, v. 4, n. 2, p. 151-165, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3345/2213>.

URBANO, Hudinilson. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. **Revista Investigações**, v. 21, n. 2, p. 31-56, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/1417/1096>.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília, Brasília, v. 4, p. 122-170, 2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/6493/5585>.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em *podcasts* narrativos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020. **Anais [...]**. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0429-1.pdf>.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A História do desenvolvimento das funções mentais superiores** [1931]. 1.ed. São Paulo: Editora WMF, 2021.